

Editorial

Com a presente edição começa o segundo ano da Revista Brasileira de Bioética (RBB). Já tomamos as providências necessárias para sua indexação na plataforma LILACS e, no final deste segundo ano, pretendemos indexá-la em outras plataformas, e tornando-a assim, mais visível para que possa constituir-se uma opção competitiva para pesquisadores e professores em Ética Aplicada e Bioética que publicam seus trabalhos em outros meios devido às exigências acadêmicas.

Neste número publicamos sete artigos que dão visibilidade ao pluralismo vigente em nosso meio. O primeiro, na seção de Artigos Especiais, é de autoria de Georges Kutukjian e aborda o problema da violência das imagens veiculadas pela mídia, descrevendo seu impacto em termos de reprodução de comportamentos violentos, racistas e sexistas sobre a formação da sensibilidade em populações vulneráveis, como as crianças e adolescentes. O segundo artigo dessa seção, de José Roque Junges, enfrenta um aspecto específico da *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos*, isto é, a questão da proteção do meio ambiente, e defende a necessidade moral de assumir o ponto de vista ecológico como paradigma norteador da ação humana sobre o planeta Terra do ponto de vista da crise dos paradigmas na atualidade.

Na seção de Artigos Originais o primeiro trabalho é de Carlos Maria Romeo Casabona, que discorre sobre um tópico emergente na bioética, a utilização de embriões humanos na pesquisa científica sobre células-tronco. Apresentando essa discussão sob a ótica do direito, o autor defende a necessidade de evitar padrões legislativos estatais redutivos e de que se adote um marco jurídico comum, baseado em padrões procedimentais mínimos aplicáveis aos integrantes da União Européia, capaz de evitar exclusões moralmente problemáticas. O segundo artigo, de Dora Porto, aborda um problema candente na bioética latino-americana e, em particular, brasileira: a reprodução da vulnerabilidade social em indivíduos e populações já vulneradas pelas suas condições socioeconômicas. Para a autora tal situação advém da ideologia de mercado que impõe o consumo desenfreado e a incorporação acrítica e contínua de tecnologia no processo produtivo.

A seguir, Charles Andrade Froelich, aborda a questão da ampliação e diferenciação da cultura dos direitos, tradicionalmente reservados à espécie *homo sapiens sapiens*. Desenvolvendo sua análise a partir da obra pionerística de filósofos como Peter Singer, o autor discorre sobre um padrão de representações que não pode mais ser mantido, sem mais, na esfera do mero antropocentrismo e que vêm sendo considerado, paulatinamente, como um problema significativo para a reforma de nossa sensibilidade e inteligência éticas, graças à inclusão da preocupação com animais sencientes e, mais em geral, com a ecosfera. Para finalizar essa seção, apresentamos o trabalho de Hilton P. Silva, que se refere ao âmbito polêmico da (bio)ética em pesquisa. A partir de estudo de caso, baseado em experiência própria, o autor relata aspectos controversos da atuação de pesquisadores em áreas indígenas, discorrendo sobre a questão da preservação da biodiversidade e da assim chamada biopirataria, que deve ser combatida com os meios cabíveis, mas que não pode ser confundida com a atuação efetiva dos antropólogos e profissionais de saúde, preocupados em estudar e defender os melhores interesses dessas populações, objeto da pesquisa.

Entretanto, não podemos encerrar este editorial sem algumas palavras de recomendação aos colaboradores. Devido ao espírito aberto adotado pela RBB, pedimos aos colaboradores que enviem não só artigos, mas também trabalhos para as demais seções: Resenha de Livros; Atualização Científica; Documentos pertinentes para o debate bioético; Informações sobre teses, dissertações e monografias. Ademais, pedimos que sejam observadas as normas editoriais e que os trabalhos enviados sejam acompanhados dos respectivos resumos e *abstracts*, pois isso facilita sobremaneira o trabalho daqueles que produzem concretamente a RBB.

Os Editores